

As muitas vozes presentes na coluna Arquivo do jornal *Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro* (1948/1950).

Vanessa Lima Cunha¹ (UEL)

Resumo: Este trabalho se propõe analisar a coluna “Arquivo” do jornal *Quilombo, Vida, problemas e aspirações do negro*, e as matérias publicadas nesta coluna onde procuraremos compreender quais os enfoques propostos por este jornal para essas matérias. Este jornal foi fundado em 1948, pelo grupo teatral denominado Teatro Experimental do Negro (TEN) e foi considerado o porta voz do grupo, pois foi através dele que o TEN procurou ampliar o debate sobre a questão racial no Brasil. A coluna “Arquivo” esteve presente em 6 das 10 edições do jornal apresentando alguns textos inéditos, mas, sobretudo, reproduzindo matérias que já haviam sido publicadas em anos anteriores em outros jornais.

Palavras Chave: Jornal *Quilombo*; Coluna “Arquivo”; Questão Racial.

Dentro da proposta de analisar e compreender o Brasil dos anos 1940/1950, apresentamos uma análise da coluna “Arquivo” do jornal *Quilombo vida, problemas e aspirações do negro*, que começou a ser publicado em 1948 na cidade do Rio de Janeiro. Este jornal foi fundado pelo grupo teatral denominado Teatro Experimental do Negro (TEN), que surgiu em 1944 e atuou em defesa da população negra desenvolvendo projetos, encontros, cursos de alfabetização, debates, dentre uma série de outras atividades no campo político, cultural e intelectual, do que o jornal fez parte. As expressões, “teatro negro”, “povo negro”, “cultura negra”, “imprensa negra” e outras em que a palavra “negro (a)” aparece são aqui utilizadas para designar espaços nos quais a presença de afro-brasileiros se registra de modo significativo.

O idealizador principal deste projeto foi Abdias Nascimento que contou com a colaboração de Aguinaldo de Oliveira Camargo; Wilson Tibério; Teodorico dos Santos e José Herbal, dentre outros que foram se incorporando ao projeto ao longo dos anos. (NASCIMENTO, 2004)

O TEN é de fundamental importância para entendermos o jornal *Quilombo*. Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, ao escrever a introdução da edição fac-similar do jornal *Quilombo*, fala da relação entre o TEN e o jornal. Segundo ele,

¹Aluna de pós-graduação em Patrimônio e História pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: vanessalcunha@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4713071633826133>

“[...] o Quilombo expressa o modo como tal projeto transformou-se numa ampla mobilização política, seja cultural, seja educacional, seja eleitoral, para conquistar para o negro um lugar autônomo na emergente democracia brasileira.”
(NASCIMENTO, A; NASCIMENTO, L, 2011: 11)

Elisa Larkin Nascimento nos esclarece que

O Teatro Experimental do Negro (TEN) nasceu num contexto marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, pelo processo de queda do regime do Estado Novo que desembocaria na Assembléia Constituinte, realizada em 1946, e pela agitação política rumo à construção de um regime efetivamente democrático. (NASCIMENTO, 2003: 281)

Petrônio Domingues mostra que, em relação a essa fase democrática na qual o Brasil estava entrando,

“Abdias do Nascimento não ocultava seu otimismo [...] Acreditava que a consolidação dos dispositivos democráticos beneficiaria a inserção da população negra no projeto de desenvolvimento nacional. [...] O afro-brasileiro deveria ser, efetivamente, incorporado ao seio da nação e não se sentir exilado em sua própria terra.”
(DOMINGUES, 2008: 262)

O *Quilombo*, desde o seu início, foi considerado o porta voz do grupo e seus colaboradores, e foi através dele que o TEN procurou defender as suas ideias sobre o Brasil, e divulgar os projetos empreendidos pelo grupo, assim como abrir espaço para todos que estavam pensando as relações entre negros e brancos naquele contexto.

Segundo Petrônio Domingues, o jornal publicado em “[...] formato de tablóide, tinha uma composição gráfica de boa qualidade técnica para a época, com muitas imagens (fotos, desenhos, ilustrações, etc.) intercaladas aos textos.”
(DOMINGUES, 2008: 264) E a pesquisadora Daniela Roberta Antônio Rosa complementa,

Os editoriais eram de autoria de Abdias Nascimento e o periódico tinha como colunas permanentes: Livros, Tribuna estudantil, Escolas de Samba, Cinema, Música, Rádio, Negros na História, Fala A Mulher, [...] Pelourinho, Democracia Racial, Cartaz, Sociais, Close Up e Notícias do teatro Experimental do Negro. Além de um número de matérias assinadas. (ROSA, 2007: 82-83)

A circulação deste jornal foi predominantemente mensal, embora encontremos irregularidades na sua periodicidade, e seus idealizadores pretendiam que seu jornal estivesse em todas as principais cidades do Brasil, já que ele também divulgava as ações de outros grupos negros espalhados pelo território nacional.

Os objetivos e propostas deste jornal foram divulgados na terceira página em um espaço denominado “Nosso programa”, que aparece até a 5ª edição. Neste espaço são apresentados os objetivos a serem seguidos pelo jornal, a saber:

- 1 – colaborar na formação da consciência de que não existem raças superiores nem servidão natural, conforme nos ensina a teologia, a filosofia e a ciência;
- 2 – esclarecer ao negro de que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivo para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso;
- 3 – lutar para que, enquanto não for tornado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, como pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos particulares e oficiais de ensino secundário e superior do país, inclusive nos estabelecimentos militares;
- 4 – combater os preconceitos de cor e de raça e as discriminações que por esses motivos se praticam, atentando contra a civilização cristã, as leis e a nossa constituição;
- 5 – pleitear para que seja previsto e definido o crime da discriminação racial e de cor em nossos códigos, tal como se fez em alguns estados de Norte-América e na Constituição Cubana de 1940. (QUILOMBO, 9 de dez. de 1948.)

Este programa pontuava algumas das ideias que o TEN procurou defender, e dentre elas encontramos algumas que são bem avançadas para a época, como é o caso do 3º ponto, no qual o grupo fazia um pedido, do que hoje denominamos, de ações afirmativas para os negros. O 5º ponto também é um exemplo dessas avançadas reivindicações, pois entendemos aqui que eles estavam cobrando uma maior participação política e representatividade de negros na política brasileira. (DOMINGUES, 2008).

Já nos pontos 2º e 4º percebe-se que foram as ações pedagógicas desenvolvidas pelo grupo que possibilitaram por em prática tais pontos, como observado por Elisa Larkin Nascimento: “A alfabetização inseria-se no objetivo geral de ‘valorização da gente de cor’ ao possibilitar o exercício do direito ao voto e o



domínio do instrumental mínimo necessário para se defender no mercado de trabalho e na sociedade em geral.” (NASCIMENTO, 2003: 290)

Sobre essa questão, o próprio Abdias Nascimento nos esclarece sobre as formas de agir do TEN. Nas suas palavras,

Teríamos que agir urgentemente em duas frentes: promover, de um lado, a denúncia dos equívocos e da alienação dos chamados estudos afro-brasileiros, e fazer com que o próprio negro tomasse consciência da situação objetiva em que se achava inserido. Tarefa difícil, quase sobre-humana, se não esquecermos a escravidão espiritual, cultural, socioeconômica e política em que foi mantido antes e depois de 1988, quando teoricamente se libertará da servidão. (NASCIMENTO, 2004: 211)

Foi imbuído deste propósito de esclarecer e educar o povo negro que o jornal *Quilombo* trouxe a coluna “Arquivo”, pois através dela a população negra que tinha acesso a esse jornal, e todos que lessem o periódico, poderiam compreender que a luta por direitos e esclarecimentos sobre a questão racial no Brasil não eram uma questão restrita apenas aos negros.

Na coluna “Arquivo” foram publicadas seis matérias, sendo que a maioria delas já haviam sido publicadas nos jornais *O Cruzeiro*, *O Jornal*, *Globo* e outros. Estas matérias foram assinadas por, Raquel de Queiroz, Origenes Lessa, Guerreiro Ramos, Daniel Rops, George S. Schuyler e Di Cavalcante. Após a 6ª edição do jornal a coluna desapareceu, e só retornou na nona edição.

Acreditamos que os textos apresentados nesta coluna tinham a intenção de chamar a atenção dos leitores, fossem negros ou não, para os problemas enfrentados pelos negros no Brasil, como podemos perceber pelo artigo da romancista e jornalista Raquel de Queiroz, que inaugurou a coluna:

Será que por ausência de preconceito que quase nenhuma das ordens religiosas existentes no Brasil recebe pessoas de cor no seu seio – salvos como leigos, que dizer, como criados? E que os colégios grã-finos não aceitam alunos ou alunas de cor? E que a Light (e o governo fecha os olhos ante isso) não admite telefonistas de cor? E que nenhuma loja das ditas elegantes daqui do Rio, de São Paulo e de outras capitais, emprega vendedores de cor? Já viu manicuras e cabeleireiras de cor nos salões de beleza de luxo? Leu no livro de Mário filho o que foi a batalha para se introduzirem jogadores negros nos clubes de futebol carioca? Sabe que nenhum bar da área atlântica, em Copacabana, permite que se sente às suas mesas algum freguês de cor? E que a restrição era feita no cassino –

e ainda é feita em certas “boites” ou cabarés de alta sociedade? E que tanto o hotel Serrador como outras hospedarias de alto bordo adotam como linha de conduta não tolerar hóspedes de cor... [...] Se isso não é discriminação racial – e, mais grave ainda, discriminação admitida e amparada pelo governo – que nome lhe daremos? [Grifonosso] (QUILOMBO, dez de 1948)

Este texto foi publicado inicialmente no jornal *O Cruzeiro* em 24 de Maio de 1947 e se intitulava *Linhas de Cor*, e nele nota-se a preocupação da autora com os problemas raciais enfrentados pelos negros no Brasil. Quando a autora elenca exemplos de preconceitos raciais para seu artigo ela explicitava o quanto o preconceito estava presente em diferentes situações do cotidiano da sociedade brasileira, contrariando a ideia de “paraíso” racial propalado pelo Estado e certos intelectuais naqueles tempos, dentre eles Gilberto Freyre, primeiro colaborador a difundir um discurso desse gênero nas páginas de *Quilombo* por meio da coluna “Democracia”. (DOMINGUES, 2008: 269).

Outro autor que vai falar sobre a discriminação racial na coluna “Arquivo” é Origenes Lessa com o texto intitulado *Os arianos de Criciúma*, publicado pela primeira vez no jornal *Globo* em 1948.

Fala-se, com muito ufanismo, em nossa democracia racial. Haverá mesmo? Desconhecemos o preconceito de côr? Negros, mulatos, semi-brancos, têm no Brasil, os mesmos direitos na prática, entram em toda parte, vivem como gente? Há quem diga que sim. Há quem nos inveje essa imaginária ausência de preconceitos. Porque é imaginária. No fundo, temos prejuízos semelhantes aos dos americanos do norte, apenas atenuados em virtude do compromisso geral com o sangue negro. [...] Na realidade, para o negro, e seus descendentes, poucas portas além dos serviços humildes, do rádio e de outras carreiras, estão francamente abertas. Só muito talento e acidentes de formatura dão ao negro e ao mulato no Brasil o direito de entrar num salão elegante não para servir, mas para ser servido também. E a prova mais evidente de que existe entre nós o preconceito de côr está em nossa pitoresca fuga para a brancura. [...] as manifestações públicas e coletivas precisam ser enfrentadas com a energia empregada pela grande Raquel de Queiroz [...] e irá ao presidente da República e a quem e a onde mais seja preciso, “a pedir justiça, a reclamar a um inquérito, a exigir uma intervenção moralizadora para esse burgo insolente”. (QUILOMBO, Jun, 1949)

Este texto de Lessa retoma o questionamento feito por Raquel de Queiroz e aponta outras questões trabalhadas também pelo TEN e o jornal referente à questão racial e ao preconceito de cor. Levando em consideração que estes dois



jornalistas publicaram seus artigos em outros jornais, que não faziam parte da imprensa negra, antes de publicá-los no *Quilombo*, pode-se perceber a estratégia de Nascimento de trazer para as páginas do seu jornal as ideias defendidas em outros periódicos como que mostrando que a questão não dizia respeito apenas ao negro, mas à população como um todo, como observam Munanga e Gomes

O jornal *Quilombo*, publicado pelos militantes negros do TEN foi uma produção muito diferente dos outros jornais militantes que o antecederam. [...] talvez o mais importante motivo dessa diferença tenha sido a sua inserção e sintonia com o mundo cultural brasileiro e internacional. [...] *Quilombo* congregava, num mesmo espaço político e cultural, intelectuais negros e brancos, que possuíam uma visão crítica sobre o racismo e a situação no negro brasileiro [...] (MUNANGA; GOMES, 2006: 122)

As ações pedagógicas implementadas pelo TEN, como citado anteriormente, tinham como objetivo conscientizar o negro da sua vida, problemas e aspirações, como o subtítulo do jornal *Quilombo* similarmente também indicava. Como esclarece Abdias Nascimento nesta passagem que Elisa Larkin Nascimento apresenta

A um só tempo o TEN alfabetizava seus primeiros participantes [...] e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a ver, enxergar o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto nacional. [...] Uma teia de imposturas, sedimentada pela tradição, se impunha entre o observador e a realidade, deformando-a. Urgia destruí-la. (Apud NASCIMENTO, 2003: 290, 291)

Essas ações implementadas pelo TEN apareciam constantemente em *Quilombo*, uma vez que este jornal veio justamente ampliar o debate e ajudar na divulgação das ações deste e de outros grupos com preocupações semelhantes, o que nos permite perceber o quanto o TEN e o jornal estavam conectados. (NASCIMENTO, 2003).

Outro ponto que a coluna “Arquivo” procurou abordar foi à relação do jornal com as atividades e problemas ocorridos no exterior.

Não sei se os meus leitores prestaram muita atenção aos distúrbios que ensanguentaram a África do Sul. [...] Essa África do Sul que acaba de assistir, em seu território, ao desenrolar do drama, não fara ela parte do Império Britânico, no qual continuamos a ver um dos

supremos baluartes do homem? Não é a União Sul-Africana um dos signatários dessa Declaração dos Direitos do Homem [...] que a O.N.U. penosamente elaborou no branco palácio trocadero? Como soa belos os Direitos do Homem no papel! Na realidade, porém, que desgraça! [...] Em quantas partes do nosso infeliz planeta não vemos nós o pior dos racismos continuar a viver e tornar-se de súbito mais violento? Os Estados Unidos campeões e paladinos eminentes da humanidade conciliada. Será que souberam resolver humanamente o problema negro? [...] (QUILOMBO, Maio de 1949)

Este texto, de autoria de Daniel Rops, foi publicado inicialmente no jornal *O Jornal* em 18 de Fevereiro de 1949 com o título *Racismo, a herança de Hitler*. Nele, o autor informa o que estava acontecendo no restante do mundo, mais especificamente os problemas da África do Sul com o *apartheid*. De acordo com Perrota,

Em 1934 foi estabelecida uma fusão entre o Partido Nacional e o Partido Sul-Africano (apoiado pela população de origem inglesa e por poucos *afrikaners*), mas esta fusão chega ao fim com a institucionalização do *apartheid*. O novo período se caracterizou pela dissociação entre o poder político e econômico, sendo o primeiro dos *afrikaners* e o segundo da população de origem inglesa. [...] A política de segregação racial do *apartheid* foi oficializada em 1948 quando chega ao poder o Partido nacional, [...] (PERROTA et al., 2012: s/p)

Acreditamos que a preocupação de *Quilombo* ao abordar este tema tinha também um intuito de aproximação deste jornal com os países referenciados nas matérias, como é o caso da tradução do artigo do jornalista norte-americano George S. Schuyler, texto que foi traduzido do inglês por João Conceição e publicado na edição número 5 de *Quilombo*, que iniciava dizendo:

Você está estudando línguas latinas: Italiano, Espanhol, Francês ou Português? Elas são intimamente relacionadas, e assim conhecendo uma língua você pode interpretar de algum modo as outras. Devem existir dezenas de milhares de jovens de cor nas escolas superiores, colégios e universidades dos Estados Unidos que estão estudando uma ou outra dessas línguas. A esses jovens eu desejo recomendar a leitura permanente de QUILOMBO, um jornal mensal editado no Rio de Janeiro, Brasil, por gente de cor para a gente de cor. Aos colégios negros e escolas superiores onde existem esses cursos de línguas latinas, eu desejo concitar que assinem esse destacado periódico negro, como um auxílio aos seus estudantes. QUILOMBO custa cinco dólares por ano e os pedidos devem ser endereçados ao seu Departamento Circulação, rua Alvaro Alvim, 333-37, sala 711, Rio de Janeiro, D. F., Brasil. (QUILOMBO, Janeiro de 1950)

Esta reportagem saiu inicialmente publicada no *The Pittsburgh Courier*, em 24 de Setembro de 1949. Sua publicação na coluna “Arquivo” de *Quilombo*, sugere que este jornal procurava ampliar seu público entre os falantes de língua latina das “escolas superiores, colégios e universidades dos Estados Unidos”, dando visibilidade às questões que abordava e, ao mesmo tempo, procurando conquistar adeptos para elas.

Trabalhando com essa coluna podemos compreender que o propósito do jornal *Quilombo* ia ao encontro e reforçava os propósitos do TEN o que aparece explicitamente citado na edição de dezembro de 1948, abaixo reproduzida:

[...] a luta de QUILOMBO não é especificamente contra os que negam os nossos direitos, senão em especial para fazer lembrar ou conhecer ao próprio negro os seus direitos à vida e à cultura. [...] O negro brasileiro já conquistou seu direito teórico e codificado mas necessita o exercício ativo desse direito. [...] (QUILOMBO, Dezembro de 1948)

Por essa passagem da matéria intitulada “Nós” que o próprio Abdias Nascimento escreve para o primeiro número do jornal, compreende-se que o propósito do jornal era ser um espaço a mais de esclarecimento do negro sobre sua vida, problemas e aspirações num contexto em que o questionamento da democracia racial foi muito importante, e contribuir para criar obstáculos reais aos avanços no sentido de garantir direitos sociais e políticos a uma grande parcela da população.

Bibliografia

DOMINGUES, Petrônio. Quilombo (1948-1950): uma polifonia de vozes afro-brasileiras. **In:** Ciências & Letras. N. 44, 2008, p. 261-289. Disponível em: www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista44/artigo13.pdf Acesso em: 30/01/11

LESSA, Origenes. Os arianos de Criciúma. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro**, Rio de Janeiro, Jun de 1949. Nº 3, Coluna Arquivo: p.4.

MUNANGA, Kabengele. ; GOMES, Nilma Iino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo. Ação Educativa, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **In:** Estudos Avançados. 18 (50) 2004. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext Acesso em: 03/03/09.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro. 2003.

NASCIMENTO, Abdias. ; NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro**. 2011. 127p. Editora 34: Edição Fac-similar.

NASCIMENTO, Abdias. Nós. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro**, 9/ dez/ 1948, Nº 1, p. 1 final do artigo p. 6

NOSSO PROGRAMA. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro**, 9/dez/1948, Nº 1, p. 3.

PERROTA, Bernardo. ; VECHIO, Isabella. ; LEMOS, Sandro Teixeira. ; SIMONI, Elisa. África do Sul. **In:** Revista Geo-Paisagem. Nº 21, 2012. ISSN: 1677-650x Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/AfricadoSul.htm>. Acesso em: 24/06/2013.

QUEIROZ, Raquel. Linhas de cor. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro, Rio de Janeiro**, Dez de 1948, Nº1, Coluna Arquivo: p. 2.

ROSA, Daniela Roberta Antônio. **Teatro Experimental do Negro: estratégia e ação**. Dissertação de Mestrado. Campinas UNICAMP, 2007.

ROPS, Daniel. Racismo, a herança de Hitler. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro**, Rio de Janeiro, Maio 1949, Nº 2, Coluna Arquivo: p. 2.

SCHUYLER, George S. Quilombo nos Estados Unidos. **Quilombo vida, problemas e aspirações do negro**, Rio de Janeiro, Jan de 1950, Nº 5, Coluna Arquivo: p.4.